

NOVO HAMBURGO: O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DA “CIDADE INDUSTRIAL”

Jorge Luis Socker Júnior
Universidade Feevale - JorgeLSJ@feevale.br

Leandro Manenti
Universidade Feevale – leandro@feevale.br

Resumo

O trabalho apresenta o resultado parcial da pesquisa que está sendo desenvolvida a respeito da herança arquitetônica e sua preservação na cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. A cidade, conhecida como Capital Nacional do Calçado, teve sua fundação ligada à chegada de imigrantes alemães, em 1824, mas ganhou seu título a partir da industrialização ligada ao setor coureiro calçadista que teve lugar a partir da instalação da rede ferroviária, em 1876. A pesquisa procura, então, levantar todas as construções aprovadas no município, com foco nas décadas de 1930 e 1940, principal período de industrialização na cidade, e comparar os exemplares produzidos com as listagens oficiais de preservação. Além disso, a pesquisa pretende identificar tendências arquitetônicas nas construções do período e discutir os critérios utilizados para a preservação.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial; Habitação operária; Indústria calçadista.

1 – Introdução

A cidade de Novo Hamburgo, situada na região metropolitana de Porto Alegre, teve sua ocupação iniciada em 1824 com a imigração alemã e é hoje conhecida como a “Capital Nacional do Calçado”. Este título mantém, em certo sentido, a identidade de “cidade industrial”, decorrente da intensa industrialização protagonizada pelo setor coureiro-calçadista da região a partir do início do século XX, e que teve seu momento principal a partir de 1927, quando a cidade se emancipou de São Leopoldo, núcleo inicial da colonização alemã no estado, e, em certo sentido, emancipa-se também da herança germânica para buscar construir uma imagem progressista e industrial.

A presente pesquisa, então, se propõe a relacionar e problematizar a produção arquitetônica do intervalo de 1930 a 1949, em especial a caracterização da arquitetura relacionada à industrialização produzida neste período, com a trajetória da preservação patrimonial da cidade e a seleção de edificações como patrimônio cultural do município. Com estes dados, busca-se descobrir de que forma a identidade de “cidade industrial” integra este contexto.

2 – Metodologia

Esta pesquisa parte do levantamento de diferentes dados acerca da produção arquitetônica do município. Esses dados vêm de três levantamentos distintos, que posteriormente permitirão os comparativos almejados. O primeiro levantamento diz respeito à totalidade da produção arquitetônica no município (projetos), o segundo às edificações reconhecidas como patrimônio cultural através de inventário, tombamento e outros instrumentos de reconhecimento e terceiro às edificações de valor cultural existentes no município.

Para viabilizar o primeiro levantamento, o conhecimento da produção arquitetônica do município de Novo Hamburgo, utilizou-se como base de consulta o Arquivo Morto da Aprovação de Projetos da Prefeitura Municipal, hoje abrigado pela Fundação Scheffel. Trata-se do acervo da aprovação de projetos da Prefeitura Municipal, que abrange o período que vai desde o início dos anos 30 até a década de 80. A pesquisa e catalogação dos da década de 30 e 40 foi procedida através de levantamento fotográfico das plantas, mapeamento e tabulação de dados.

Já para o levantamento de bens considerados patrimônio histórico, foram pesquisados os instrumentos de proteção do patrimônio cultural hoje existentes na cidade. Foram verificados os bens tombados pela municipalidade através de lei municipal e decretos e ainda, o Plano Diretor e os dois inventários do patrimônio cultural realizados até hoje no município. Estes inventários incompletos, de 1994 e 2004, foram condensados em uma listagem-inventário pela Comissão de Patrimônio Histórico, mas curiosamente retirados do Plano Diretor na sua última revisão (2008). Portanto, não se encontram devidamente respaldados pela legislação. Ainda assim, trata-se do material hoje utilizado pelo Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, que tem atribuição de estabelecer diretrizes para preservação de forma consultiva. Além dos instrumentos atuais, foi pesquisado o histórico da preservação do patrimônio no município, de forma a dar suporte ao entendimento do estado atual.

O reconhecimento *in loco* dos bens de valor cultural existentes no município partiu dos levantamentos de dados anteriores, somados à pesquisa na bibliografia encontrada. Desta forma foi possível traçar os locais de interesse, onde foram procedidos levantamentos fotográficos. Estes levantamentos levaram em consideração outros bens históricos não constantes nas listagens oficiais, principalmente casas operárias, edificações proto-modernas, modernistas e industriais.

Dentro destes três diferentes montantes de dados coletados, é possível estabelecer uma série de comparações, relacionando a arquitetura que foi de fato produzida na cidade, com a que foi selecionada para representar sua história através de tombamento e inventários, bem como, problematizar estas relações.

3 – Breve histórico da “cidade industrial”

O município de Novo Hamburgo situa-se na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 42 km da capital. Sua ocupação está diretamente relacionada aos primórdios da imigração alemã no Estado, sendo que os primeiros imigrantes aportaram em São Leopoldo no ano de 1824, e mais tarde receberam os lotes demarcados nas demais colônias da região. Esta colonização, promovida pelo governo imperial, era baseada no minifúndio agrícola, em oposição a cultura latifundiária do Rio Grande do Sul.

No século XIX, a década de setenta trouxe a elevação da localidade à freguesia do município de São Leopoldo, recebendo o nome de Capela de Nossa Senhora da Piedade de Hamburger Berg. Nesta mesma década, a localidade recebe uma conexão ferroviária com a capital, constituindo-se esta a primeira estrada de ferro do estado. A construção da nova estação, distante cerca de 3 km do núcleo inicial de Hamburger Berg, já que este estava no topo de uma colina, trará uma das mais significativas mudanças desta nova cidade industrial que surge, com a criação de um novo centro comercial e industrial, localizado na porção plana e pouco habitada da cidade. Este novo núcleo ficou conhecido com o nome da estação, batizada pelos ingleses da companhia ferroviária (New Hamburg), e representou uma importante alteração na centralidade do município, expandindo assim os domínios da cidade em direção ao oeste, onde posteriormente seria construída a rodovia BR-116 (PETRY, 1963, p. 12).

A virada do século XX trouxe as primeiras indústrias ainda bastante primitivas de calçados que, com seu desenvolvimento, ocasionaram a extensa industrialização que caracterizará o município em décadas posteriores. O já então distrito de São Leopoldo é elevado a Município autônomo a partir do decreto nº 3.818, assinado por Borges de Medeiros em 5 de abril de 1927 (GERTZ, 2002, p. 228).

A industrialização acelerou-se nos anos 40. Como afirmava o cronista Ercílio Rosa em um jornal da época, “*Novo Hamburgo é uma cidade operária por excelência, e seu*

povo divide-se em três classes: trabalhadores, trabalhadores e trabalhadores.” (O 5 de Abril em 24 de janeiro de 1947, apud. SELBACH, 2009).

Devido ao avançado desenvolvimento industrial, a cidade ficou conhecida pela alcunha de “Manchester brasileira” (SELBACH, 2006, p. 14), em referência à cidade inglesa. Durante o pós-guerra, a indústria calçadista potencializou-se economicamente com o direcionamento para o mercado externo (SELBACH, 2009, p.9). A expansão do setor calçadista trouxe uma grande demanda de vagas de emprego, que atraíram muitos imigrantes, sobretudo do interior gaúcho, que ajudaram a cunhar a nova identidade industrial da cidade, afastando-a, cada vez mais, das características germânicas, vistas como coloniais e atrasadas.

Com isso, verifica-se claramente que, de uma realidade ligada ao mundo rural e à cultura germânica, Novo Hamburgo passou rapidamente a um intenso surto de desenvolvimento com a chegada da linha férrea, que impulsionou a indústria incipiente a tal ponto de torná-la uma cidade simbólica para a industrialização do Estado, em especial, do setor coureiro-calçadista.

4 - Arquitetura no Período de 30 e 40

O levantamento nas plantas arquitetônicas realizado no Arquivo Morto da Aprovação de Projetos da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo permitiu um panorama quase completo da produção arquitetônica da cidade a partir do ano de 1931, quando o poder público local, recém-emancipado de São Leopoldo, começa a aprovar projetos na sua própria repartição. A análise das plantas desta década, cuja catalogação e mapeamento ainda estão em andamento, já apresenta uma série de peculiaridades.

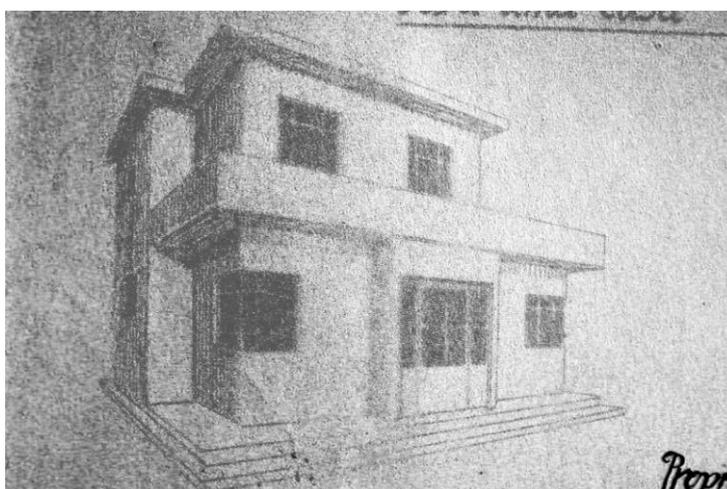
É bastante significativa a quantidade de edificações em madeira de baixa renda, denominadas “chalés”. Praticamente todos os arquitetos e construtores licenciados em atividade na década de 30 aprovaram dezenas de projetos deste tipo. Entre as décadas de 1931 e 40, já inteiramente indexadas pela presente pesquisa, é possível verificar que os chalés residenciais correspondem a cerca de 1/3 dos projetos aprovados. A abrangência desta tipologia residencial aparentemente não se restringe a nenhuma área específica, embora alguns bairros tenham sido aparentemente ocupados exclusivamente por chalés (por exemplo, o conhecido como Villa Moderna). Curiosamente, estes chalés aparecem tanto em endereços nobres da cidade quanto em ambientes periféricos e até semi-rurais. Percebe-se que grande parte destes

chalés eram encomendados por empresários do ramo coureiro-calçadista, no nome dos quais os projetos eram aprovados. A finalidade da construção, servir de residência arrendada a um operário de suas indústrias, algumas poucas vezes aparece no memorial descritivo, mas mesmo na ausência desta informação, seu destino é presumível.

Em alguns casos encontrados no levantamento, as próprias instalações industriais assim como a residência do industrial costumavam ser contíguas ou muito próximas, situadas dentro da malha urbana tradicional (tipicamente residencial). Em alguns casos, até mesmo os anteriormente citados chalés integravam o mesmo espaço, formando uma espécie de conjunto modelo industrial.

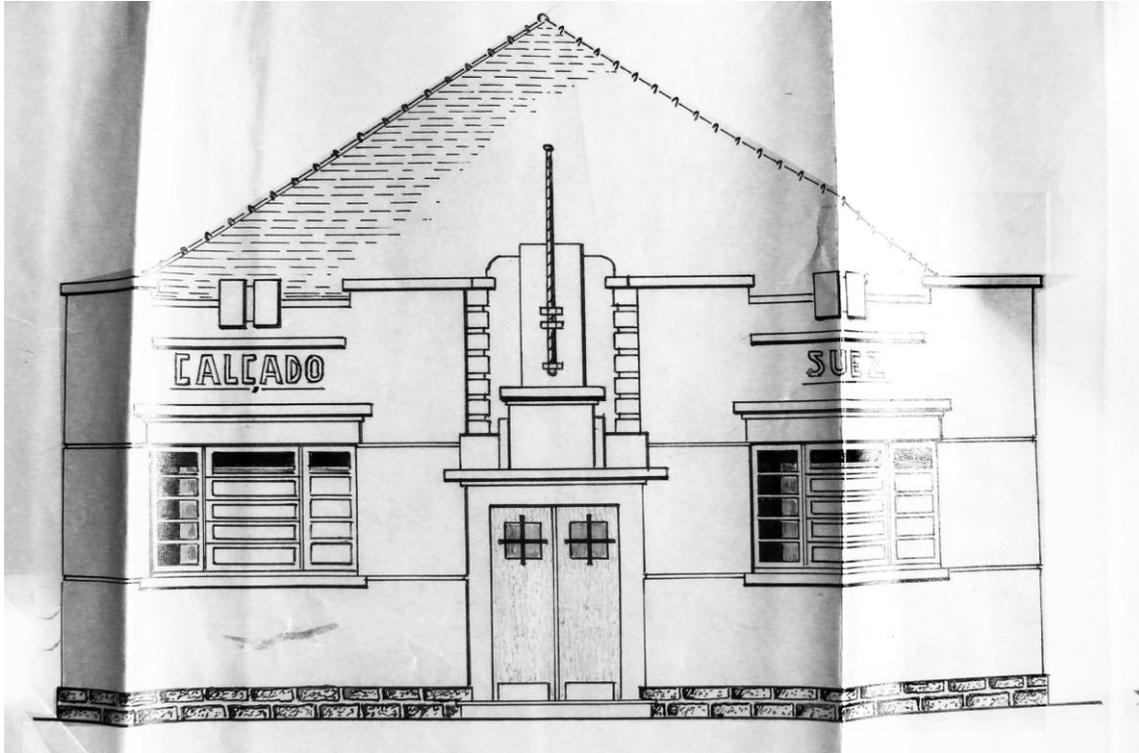
Verifica-se que houve no período um crescente aumento na demanda de plantas industriais, sendo ainda mais recorrente a aprovação de anexos, ampliações ou reformas em prédios pré-existentes. As finalidades industriais são as mais diversas, mas o predomínio é de atividades ligadas ao setor coureiro-calçadista.

Quanto à vinculação teórica da produção, especialmente na década de 30, aparecem todas as contradições típicas do período. A predominância é de exemplares influenciados pela cultura clássica, a maioria dos quais pode ser considerada como arquitetura eclética, porém de cunho popular, projetadas a partir de modelos amplamente conhecidos. Poucos seguem o rigor erudito, bem como poucas são assinadas por arquitetos, sendo na maior parte dos casos assinadas apenas pelo construtor responsável pela obra. Ainda assim, já parecem exemplares proto-modernos relativamente precoces, entre as quais se destaca a residência projetada para o construtor Carlos Glombitza, aprovada em 1931.



Perspectiva da residência de Carlos Glombitza (1931). Acervo da Fundação Scheffel.

Já o Art Déco aparece normalmente apenas como opção de ornamentação moderna, principalmente em algumas indústrias, e passa a ser mais difundido conforme se aproxima o final da década de 30, tornando-se majoritário na década de 40.



Fábrica de Calçados Ritzel e Bucker (1949). Construtores Froehlich, Becker & Cia. Acervo da Fundação Scheffel.

Os “bungalows” californianos, em diversos estilos inspirados na arquitetura *revival* norte-americana (Tudor, neo-colonial espanhol) não tardam a aparecer, marcando a arquitetura residencial. Não é possível, até o momento, vincular alguma influência ou estilo especificamente a algum arquiteto ou construtor responsável, pois o mesmo arquiteto que aprovava chalés de madeira, também projetava os palacetes ecléticos (Imagem 3), instalações fabris influenciadas pelo Art Déco e até mesmo plantas sanitárias.

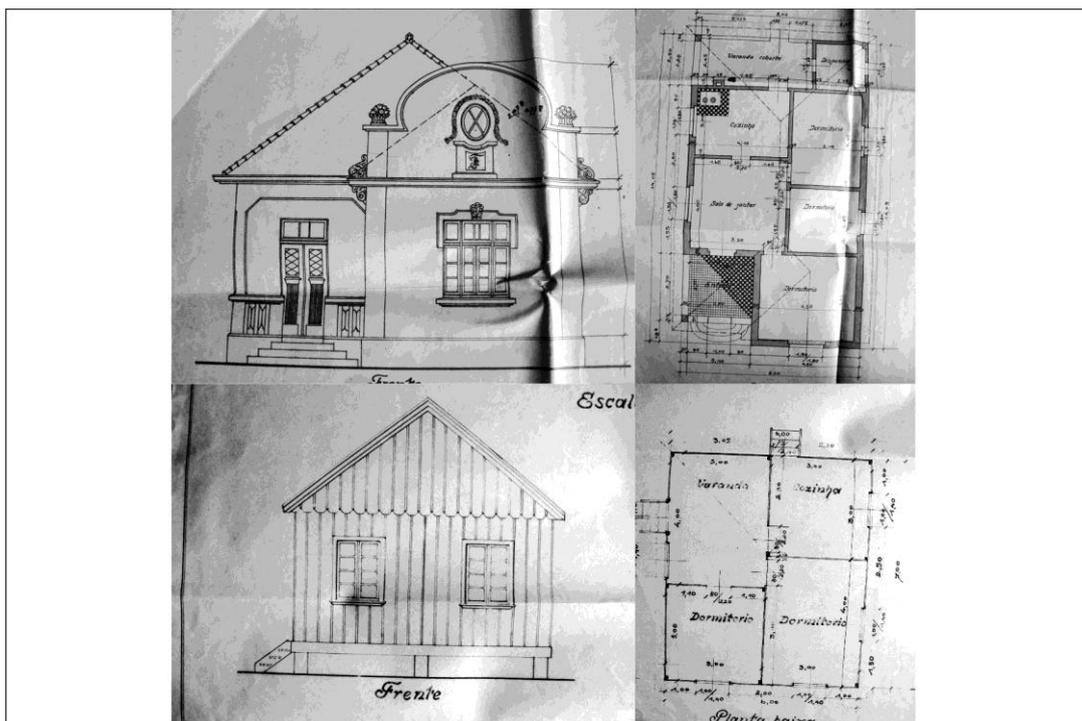


Imagem 3 – Chalé para Theobaldo W. Diestmann (1932) e Residência para Francisco Bernardo Frölich (1932) – Projetos aprovados pelo Arq. Theodor Widmer. Acervo da Fundação Scheffel.

Entretanto, verifica-se que há uma associação bastante clara entre os tipos de edificação e a linguagem arquitetônica empregada, sendo o ecletismo ou o historicismo mais característico das casas dos industriais, as linguagens modernas empregadas na edificação destinada à indústria, e a arquitetura de cunho mais vernacular é característica dos chalés dos operários.

5 - Histórico de preservação do patrimônio cultural da cidade

Em relação ao contexto nacional, pode-se dizer que o início da valorização efetiva do patrimônio cultural na cidade de Novo Hamburgo foi bastante tardio. É necessário, para isso, entender o contexto oposto da cultura regional, tradicionalmente teuto-brasileira, com o crescente nacionalismo imposto a partir do regime de Vargas e a posterior postura de alinhamento aos Aliados na Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha passou a figurar como nação inimiga.

A antiga colônia alemã de São Leopoldo, já então desmembrada em uma série de municípios, começou a organizar-se timidamente no sentido de reconhecer o patrimônio cultural somente depois das comemorações do sesquicentenário da imigração alemã, em 1974. O assunto, tido por muito tempo como tabu devido às

repressões nacionalistas, veio subitamente a tona, desencadeando uma série de movimentações em diferentes cidades.

Em Novo Hamburgo, a movimentação civil do grupo Amigos de Hamburgo Velho, através da articulação liderada pelo artista Ernesto Frederico Scheffel e pela historiadora Angela Sperb, conquistou o primeiro tombamento federal de um imóvel construído em técnica enxaimel, típico da imigração alemã. Com o traçado de seu entorno pelo órgão nacional, tornou-se possível defender minimamente o conjunto histórico do bairro, apesar deste ter sido palco de incontáveis intervenções questionáveis de reconstrução total ou parcial.

O reconhecimento do IPHAN despertou o interesse do meio acadêmico, até então indiferente ao patrimônio local e sem muito envolvimento com as movimentações civis. Segundo OLIVEIRA (2009, p. 48), uma série de estudos, levantamento e projetos foi realizada por acadêmicos de arquitetura da Unisinos, sob o projeto “Novo Hamburgo como meta”.

Os anos 90 aparecem como uma década em que houve enfraquecimento das movimentações civis. É realizado a pedido da Prefeitura Municipal em 1994 o primeiro inventário do patrimônio histórico da cidade, liderado pelo arquiteto Aloísio Daudt. Este limitava-se ao que passou a ser chamado Centro Histórico de Hamburgo Velho. É interessante observar que pela primeira vez, prédios industriais aparecem figurando como “patrimônio cultural”, embora em pequeno número: são seis edificações de caráter nitidamente industrial inventariadas (Antiga Fábrica de Malas – Casa Grün; Calçados Haas (já demolido), Formas Kunz, Casa Zottmann e CERSA).



Bens industriais inventariados em 1994. Inventário do Patrimônio Cultural de Novo Hamburgo – CHHV (Centro Histórico de Hamburgo Velho). Fotografias de Cíntia Spindler de Moraes.

É necessário frisar que este inventário não foi concluído, ficando arquivado na Prefeitura Municipal como um estudo para eventuais consultas.

Apenas em 2004 houve uma nova encomenda de inventário, liderado pelo mesmo arquiteto. O antigo inventário do centro histórico foi revisado, apenas removendo algumas edificações que já haviam sido demolidas, e pela primeira vez iniciou-se um inventário do restante da cidade. É notório porém que nenhum prédio industrial tenha sido incluído neste inventário, que também não foi devidamente concluído. Foi também a partir de 2004 que houve alguns tombamentos municipais, sendo praticamente todos de prédios públicos ou realizados a pedido dos proprietários visando projetos culturais via LIC – Lei de Incentivo a Cultura. Nenhuma das edificações tombadas tem vínculos com a realidade industrial.

Há, desde 2010, um novo inventário em estudo, abrangendo o Centro Histórico de Hamburgo Velho, o Corredor Cultural (Rua General Osório) e parte do centro. Este ainda não se encontra concluído e disponível para consulta. Também estão em andamento estudos para o tombamento federal do Centro Histórico de Hamburgo Velho.

A partir disso, observam-se duas questões importantes: o Centro Histórico de Hamburgo Velho constitui-se no núcleo inicial da cidade, sendo suas características arquitetônicas vinculadas à tradição colonial alemã, e, embora seja extremamente importante e reconhecida sua necessidade de preservação, o mesmo encontra resistência junto à população pelo fato da mesma ser constituída hoje por outras descendências, vindas à cidade por conta da industrialização. Por outro lado, ao se reconhecer, pelo menos por parte do setor público e por um pequeno grupo de intelectuais, que o Centro Histórico da cidade é Hamburgo Velho, a Novo Hamburgo, construída após a chegada da estrada de ferro, à margem do núcleo inicial, não consegue arregimentar forças suficientes para construir alguma ação de preservação daquilo que lhe foi mais característico, a arquitetura vinculada à tradição industrial.

6 – Patrimônio industrial preservado na cidade

Como visto anteriormente, o tombamento da Casa Schmitt-Presser, angariado através de pedido civil formalizado ao IPHAN, foi responsável pela manutenção mínima do centro histórico de Hamburgo Velho. Apesar disto, é possível verificar que o patrimônio cultural relativo à industrialização do município foi constantemente ignorado. É

possível verificar a ausência das chaminés de tijolos que marcavam a silhueta do bairro até o início dos anos 90, pelo que se pode concluir que houve grandes perdas do patrimônio industrial deste sítio.

Em 1994 foram inventariados cinco prédios de representatividade industrial. Destes, um foi praticamente demolido (Calçados Haas), outro se encontra abandonado (CERSA) e os demais sofrem diferentes graus de desfiguração ou desqualificação. Ainda é possível encontrar outros prédios industriais importantes situados dentro deste perímetro do Centro Histórico que não foram inventariados, dentre os quais se destaca o antigo prédio da empresa Hass & Cia, projetado pelo arquiteto alemão Theo Wiederspahn em 1948 (MARTINS, 1997) e que se encontra até hoje utilizado para fins industriais.

Já fora do centro histórico, o acervo de bens industriais não inventariados é riquíssimo. Verificamos que alguns deles foram acrescentados na listagem-inventário hoje adotada pela Comissão de Patrimônio Histórico, apesar de não constarem originalmente nos inventários. Entre estes, figuram principalmente bens inseridos nos eixos históricos mais importantes, como a edificação da Fábrica de Molduras P. Alles, Electro-Aços Plangg (Imagem 5), também de autoria de Theo Wiederspahn (MARTINS, 1997); entre outros. Ainda assim, são poucos os prédios industriais listados, e esta lista mostra-se ineficiente por não trazer estudos, embasamentos e justificativas, constando apenas a denominação e endereço.

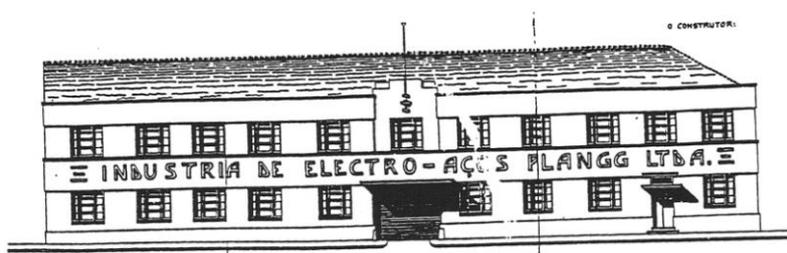


Imagem 5 – Fachada da Indústria de Electro-Aços Plangg. Projeto Arq. Theo Wiederspahn. MARTINS, Viviane S. e WEIMER, Gunter (orientador). A produção arquitetônica de Theo Wiederspahn na região do Vale do Rio dos Sinos nas décadas de 30/40. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

Além das edificações das indústrias propriamente ditas, encontramos através da pesquisa uma série de edificações de interesse que se relacionam com esta realidade. Aparentemente projetado no final da década de 40, a Vila do IAPI de Novo Hamburgo, situada no bairro Operário, é um importante exemplar de habitação social vinculada a realidade industrial. Teria sido o primeiro empreendimento do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários no Estado (KONRATH, 2009, p.48). No local, há uma espécie de complexo operário, composto pelo Hospital Operário Darcy Vargas (já desfigurado por reformas sucessivas), além do prédio do SENAI.

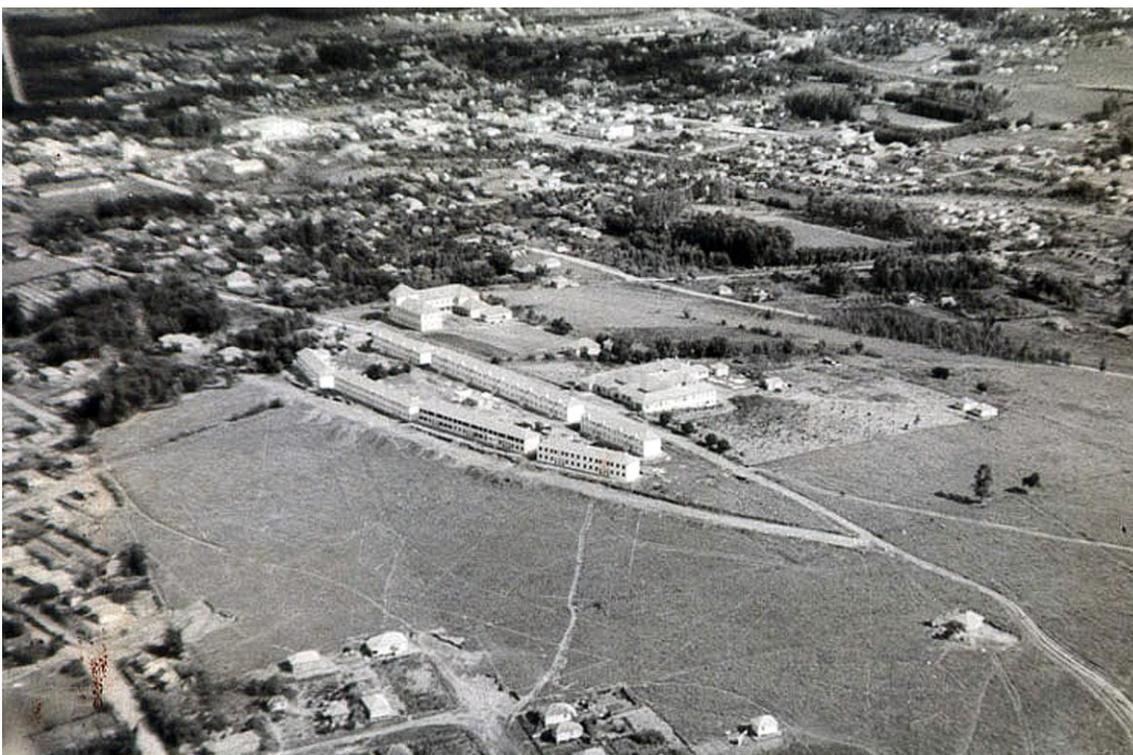


Imagem aérea da Vila do IAPI de Novo Hamburgo, junto do Hospital Operário Darcy Vargas e prédio do SENAI. Fotografia de Alceu Feijó.

7 - Cotejo entre o preservado e o construído na época

Como abordado acima, o patrimônio cultural do município de Novo Hamburgo é hoje definido pelo conjunto de bens tombados (um a nível federal e nove a nível municipal) e pelos bens arrolados na “listagem oficial de bens indicados para preservação”, utilizada pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e derivada dos inventários incompletos de 1994 (CHHV - Centro Histórico de Hamburgo Velho) e 2004 (CHHV, CC – Corredor Cultural e Unidades Isoladas). Há um novo inventário cuja realização está em andamento desde 2010, que por este motivo não foi incluído nesta pesquisa.

Nenhum dos tombamentos já efetuados na cidade é relativo a arquitetura industrial, direta ou indiretamente. Também não há nenhum exemplar posterior a 1930 tombado. Nos inventários, é possível enumerar 33 edificações que são atribuídas aos anos 1930. Esta datação, quando não existente na própria fachada do prédio, foi estimada por proprietários ou moradores locais, e em determinadas situações foi possível concluir que está equivocada.

Dentro deste montante de edificações verifica-se a predominância completa de uma tipologia, pois com exceção de cinco bens industriais, todos os bens listados nos inventários abrigavam originalmente, de forma exclusiva ou não, um programa residencial.

Quanto à vinculação teórica, nota-se a predominância de exemplares influenciados pela estética clássica nos inventários. Poucas edificações influenciadas pelo estilo Art Déco foram inventariadas, sendo os poucos exemplares típicos de uma postura meramente decorativa. Na essência são casas muito semelhantes a outras residências ecléticas da cidade.

Pode-se dizer que o inventário do centro histórico de Hamburgo Velho, de 1994, foi realizado com uma postura mais aberta e abrangente, por envolver bens industriais, proto-modernos, um *bungalow* e até mesmo uma pequena edificação modernista (DCE da Feevale, hoje retirado da listagem) Já no restante da cidade percebe-se uma postura exclusivista, em que não foi considerada a importância do patrimônio industrial e houve adoção quase hegemônica do estilo eclético como parâmetro para a seleção das edificações.

8 – Considerações Finais

A Carta de Nizhny Tagil sobre patrimônio industrial (2003) define:

“O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.”

A cidade de Novo Hamburgo foi marcada pela intensa industrialização ao longo de todo século XIX, cujos efeitos ainda se fazem presentes tanto na economia quanto na configuração urbana da cidade. É possível verificar a existência de alguns exemplares arquitetônicos industriais e ainda, edificações residenciais operárias (sendo o exemplar mais relevante a vila do IAPI) bem como todo o conjunto de suporte, como o hospital operário e escolas técnicas voltadas para a área industrial.

Verifica-se, então, que os agentes responsáveis pela seleção do patrimônio cultural da cidade assumiram o papel de eleger, dentre a heterogeneidade da produção arquitetônica dos anos 30 e 40, a tipologia e o estilo arquitetônico representativo desta década que julgam merecer a perpetuação na paisagem urbana. Edificações residenciais unifamiliares no estilo eclético caracterizam quase a totalidade de bens protegidos. Desta forma, é possível concluir que a preservação foi ditada, primordialmente, por um critério econômico, pois dos três tipos de edifícios característicos daquilo que chamamos de conjunto modelo industrial, apenas as residências dos industriais foram reconhecidas oficialmente como patrimônio, ficando de fora o edifício produtivo e funcional, que foi o responsável justamente por trazer algumas das primeiras influências modernistas à cidade, e a habitação de baixo custo dos operários.

A dicotomia criada entre as duas “Hamburgos”, uma Antiga, colonial, rural e germânica, e outra Nova, industrial e progressista, acabou criando um ambiente desfavorável para a preservação de ambas. Enquanto o núcleo germânico, batizado de centro histórico concentra os esforços preservacionistas, embora carecendo de legitimidade popular, por conta do preconceito com este passado colonial e rural, o núcleo industrial se permite não participar dos esforços de preservação, haja vista a existência de um centro histórico que, convenientemente, está localizado fora do núcleo industrial. Por conta destes impasses, muito pouco do patrimônio industrial da Capital Nacional do Calçado ainda permanece.

Referências Bibliográficas

Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH) de Julho de 2003

GERTZ, Rene E. **O aviador e o Carroceiro** – Política, Etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

DOCUMENTO DE MADRID - Critérios de Conservação do Patrimônio Arquitetônico do século XX, 2011.

Inventário do Patrimônio Cultural de Novo Hamburgo – Sítio Histórico de Hamburgo Velho e IAI. Acervo Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 1998-2004.

KONRATH, Gabriela Michel e GERTZ, Rene (orientador). **O Município de Novo Hamburgo e a Campanha de Nacionalização do Estado Novo no Rio Grande do Sul. Dissertação** (Dissertação de Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2009 Disponível em : < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21349>>. Acesso em : 23 dez. 2010.

MARTINS, Viviane S. e WEIMER, Günter (orientador). **A produção arquitetônica de Theo Wiederspahn na região do Vale do Rio dos Sinos nas décadas de 30/40.** São Leopoldo : UNISINOS, 1997.

OLIVEIRA, Suzana Vielitz de. **Os planos diretores e as ações de preservação de patrimônio edificado em Novo Hamburgo.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2009 Disponível em : <<http://ged.feevale.br/bibvirtual/Dissertacao/DissertacaoSuzanaOliveira.pdf>>. Acesso em : 23 dez. 2010.

PETRY, Leopoldo. **Novo Hamburgo o florescente município do Vale do Rio dos Sinos.** Novo Hamburgo, Editora Rotermund/FENAC, 1963. 3ª Edição.

SCHÜTZ, Liene M. Martins. **Novo Hamburgo Sua História Sua Gente.** Novo Hamburgo: Editora Pallotti, 1976.

SELBACH, Jeferson. **Pegadas Urbanas** – Novo Hamburgo como palco do flâneur. Cachoeira do Sul: Edição do autor, 2006.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Cumplicidade e traição:** a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa. São Luis/MA: EDUFMA, 2009